

Marcelo Simões

# Muito além da loucura

ELE ERA JOVEM E RICO, MAS A  
AMBIÇÃO O LEVOU AO EXTREMO DE  
ELIMINAR QUASE TODA A SUA FAMÍLIA



GERAÇÃO

**MUITO ALÉM DA  
LOUCURA**



MARCELO SIMÕES

# MUITO ALÉM DA LOUCURA

*Ele era jovem e rico,  
mas a ambição o levou ao extremo  
de eliminar quase toda a sua família*



*Baseado em fatos reais*



**GERAÇÃO**

Copyright © 2012 by Marcelo Simões

1ª edição – Fevereiro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

*Luiz Fernando Emediato (licenciado)*

Diretora Editorial

*Fernanda Emediato*

Editor

*Paulo Schmidt*

Produtora Editorial e Gráfica

*Erika Neves*

Capa

*Alan Maia*

Projeto gráfico e diagramação

*Manuel Rebelato Miramontes*

*Wilson Teodoro Garcia*

Preparação

*Hugo Almeida*

Revisão

*Josias Andrade*

*Marcia Benjamim*

*Shirley Higaki*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Simões, Marcelo

Muito além da loucura / Marcelo Simões. – 1. ed. – São Paulo :  
Geração Editorial, 2013.

ISBN 978-85-8130-106-8

1. Assassinos 2. Assassinos - Biografia 3. Crimes - História  
4. Criminosos - História 5. Romance biográfico brasileiro I. Título.

12-09749

CDD-869.93

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Assassinos : Biografia romanceada :  
Literatura brasileira 869.93

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax : (+55 11) 3256-4444

E-mail: [geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br](mailto:geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br)

[www.geracaoeditorial.com.br](http://www.geracaoeditorial.com.br)

twitter: @geracaobooks

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*A alma é a prisão do corpo.*

Michel Foucault



Para Thereza, minha mãe, Lívia, Patrícia,  
Luciana, Juliana, Maria Sofia e Cris,  
as donas de metade do meu coração.

Para Marcelinho e Gabriel,  
os donos da outra metade.



### *Agradecimentos*

Minha sincera gratidão a Cristina Botter, companheira desde a primeira página; aos amigos Fernando Vita, pela orelha generosa; João de Melo Cruz, Renato Simões, João Telles e Jackson Azevedo pela consultoria jurídica; e Moacir Guimarães, pelas informações médicas.





**M**arcílio chegou em casa por volta das duas horas da madrugada. Contornou a lateral do sobrado de dois andares e entrou pela porta dos fundos, na ponta dos pés. A cocaína que cheirou desde o início da noite travava seus dentes e retorcia o lábio superior. Subiu as escadas com os sapatos na mão. Entrou no quarto que dividia com o irmão João e sentou-se ao seu lado na cama. Afagou-lhe os cabelos com a garantia de que os remédios tarja preta que ingeria todas as noites para domar a esquizofrenia não o deixariam despertar. Foi ao banheiro, deixou os sapatos e tirou toda a roupa. Nu, seguiu pelo corredor da casa. Abriu suavemente e deixou entreabertas as portas do seu quarto e da suíte dos pais, que ficava no final do corredor. Manteve fechados o quarto do irmão Nei e o quarto da avó, onde também dormiam a irmã caçula e a babá. Observou por alguns segundos o casal em sono profundo. O pai recolhia-se pontualmente às nove da noite, porque às cinco da manhã, sempre às cinco da manhã, estaria de pé, fazendo o próprio café e ouvindo as primeiras notícias policiais no rádio. A mãe também dormia cedo, logo após rezar o terço e ler alguns trechos da Bíblia. O barulho de um carro parando em frente à casa o assustou. Marcílio suava muito. Deu um tempo em seu quarto por alguns minutos imaginando que Nei, o irmão dois anos mais velho, havia chegado. Não era ele. Foi novamente ao banheiro, molhou o rosto e encarou-se no espelho, como se buscasse a coragem momentaneamente perdida. Desceu ao

porão, cheirou mais algumas fileiras de cocaína e armou-se com o rifle Winchester .44 e o revólver calibre 38 comprado havia um mês, armas mantidas escondidas sob as tábuas do piso do porão. Municiou as armas e subiu novamente as escadas. Retornou ao seu quarto e repousou o revólver sobre seu travesseiro. De rifle em punho, seguiu até o final do corredor. Empurrou a porta do quarto do casal, aproximou-se alguns passos, mirou no peito do pai e apertou o gatilho. O português Fernando Moura Maia morreu com um tiro no coração. O estampido seco ecoou forte despertando dona Anita, que ergueu o tórax abruptamente e, com pavor nos olhos, apenas balbuciou duas palavras — “meu filho” — antes de receber o tiro fatal que lhe deformou o rosto. Dona Laura, a avó materna, conseguiu erguer o peso dos seus oitenta e dois anos ao ouvir o primeiro estampido, abriu a porta do seu quarto e foi alvejada no corredor. Caiu de lado, com uma mancha de sangue jorrando do peito e se espalhando pela parede e pelo mármore branco do piso. Marcílio seguiu em busca da sua última vítima, João. Limpou suas digitais no rifle e o impregnou com as impressões do irmão. Voltou ao corredor e colocou a arma encostada na parede.

João dormia de lado, com as pernas encolhidas, em posição fetal. Sereno e em paz, sem demônios a atormentá-lo. Marcílio fez mais um afago nos cabelos longos do irmão caídos sobre a testa. Por alguns instantes ficou ali a admirá-lo. Beijou-o. Queria entender o porquê da sua loucura, que o fazia ouvir vozes continuamente e o levava a ficar o tempo todo falando sozinho e girando o dedo indicador apontado para baixo como se discasse um telefone imaginário. João, aos vinte e quatro anos, era um louco passivo, que vivia zanzando pela casa sob a indiferença de todos. Bebia muito café e fumava compulsivamente. Tinha sempre

em mãos um caderno de espiral e uma caneta. Era o seu diário, onde registrava o que aquele turbilhão de conflitos e vozes fervilhava em sua mente desde os dezessete anos, quando a esquizofrenia começou a se manifestar. Escreveu centenas de páginas relatando a convivência com aqueles personagens que sua imaginação produzia e o perseguiram sem trégua, cujos volumes guardava no fundo da gaveta de um armário no porão. Lourenço, o dono da voz mais autoritária e frequente em sua cabeça, seria um sargento reformado do exército que insistia em ameaçá-lo com choques elétricos caso ele não obedecesse e continuasse dando atenção a Suely, voz suave e doce de uma ex-freira, que falava da existência de um paraíso que conhecia, habitado por anjos protetores. Ela rezava a ave-maria pontualmente às seis da tarde e cantava canções para ele dormir após tomar os remédios. Lourenço dizia que Suely era má e que já havia matado muitos como ele, porque queria vingar-se dos homens, estuprada que foi e, por isso, expulsa do convento e obrigada a abandonar o hábito. A freira contestava, acusando Lourenço de torturador, que vivia nas profundezas do inferno e só saía de lá para atormentar pessoas medrosas e que realmente o temiam. Portanto, o segredo era não temê-lo — recomendava.

No auge das crises, a voz de Lourenço humilhava-o, xingava-o e ordenava que ele cometesse atos que reprovava, agravando ainda mais os seus conflitos. Era sistematicamente ameaçado e recolhia-se atemorizado na escuridão do seu quarto, quando outras vozes conversavam nervosamente entre si falando mal dele. Cobria os ouvidos com as mãos na tentativa vã de não escutá-las. A voz do seu maior algoz não lhe dava descanso, mesmo com a presença das palavras doces de Suely, que prometia protegê-lo. Quando estava agitado, falava descontroladamente, como

se estivesse no trânsito discutindo com outro motorista e gritava a ponto de explodir os pulmões. O pai trancava-o no quarto, onde permanecia preso por dias sem a luz do sol, isolado ainda mais da vida e do mundo. Não comia, não tomava banho, não trocava de roupa. Muitas vezes chegou a ficar quatro dias seguidos sem dormir, andando de um lado para outro, o olhar fixo, as mãos trêmulas, o dedo indicador direito girando no espaço vazio e a cabeça balançando para frente e para trás em ritmo contínuo. O suplício só diminuía quando era submetido a doses cavalares de Haldol combinadas com Fernegan que controlavam as crises parcialmente. Ao ser medicado com Rohypnol, um sedativo fortíssimo, só conseguia dormir por quatro ou cinco horas seguidas. João nunca foi agressivo. Pelo contrário. Era ele o agredido no seu silêncio. Pelas vozes incontroláveis ecoando em sua mente e pelo preconceito que experimentava dentro de casa, por sua própria família. As crises o impediam de recorrer ao refúgio do seu diário e ele ficava dias sem escrever.

A família sempre foi indiferente e nunca se interessou em conhecer o conteúdo dos escritos de João, à exceção de Marcílio, que lia os cadernos em suas idas ao subsolo da casa para cheirar cocaína escondido. Conhecia todos os anjos e demônios que atormentavam o irmão. Assassinar João era parte decisiva no plano de morte contra o pai, porque a ele caberia a culpa naturalmente, por ser doente mental e, dessa forma, um suspeito incontestável. Assassinar João seria, também, uma forma de libertá-lo definitivamente do mal incurável que lhe subtraía a razão e o isolava do mundo. Morto, descansaria do pesadelo eterno que vivia quando acordado. Morto, estaria dormindo para sempre como se estivesse sob efeito da medicação pesada que ingeria e livre para sempre dos tormentos e vozes que o perseguiram — justificava-se Marcílio.

Ele limpou o revólver com um lenço e o colocou na mão direita de João, pressionando seus dedos para imprimir as digitais na arma. Matou-o à queima-roupa com um tiro na cabeça explodindo aquele mundo de personagens que apenas a João pertencia, os quais conhecia como se também fossem seus. O sangue espirrou no seu rosto e misturou-se à lágrima que escorria pelo canto do olho.

Marcílio amava João de verdade.

Ele forjou um bilhete imitando grosseiramente a letra do irmão, que conhecia dos cadernos do diário, e colocou no bolso do pijama, atribuindo a Lourenço a ordem para cometer o crime. Acreditou que estava plantando a prova-chave que não deixaria dúvidas sobre o autor dos assassinatos. Dizia:

*Meu pai e minha mãe são culpados inconscientes da minha derrota. Por isso vamos partir juntos e Deus vai decidir quem vai para o céu e quem vai para inferno. Estou fazendo isso para nunca mais ser humilhado nem maltratado por ninguém. Nei não sabe nada a esse respeito e há muito tempo eu tinha esse revólver guardado. Não estou louco, nunca estive tão consciente na minha vida. João.*

Marcílio seguiu para o banheiro tomando cuidado para não pisar na poça de sangue escurecido que se formou no corredor em frente ao quarto da avó. Ligou o chuveiro e deixou escorrer pelo ralo o sangue do irmão e o ódio que nutria pelo pai ao longo de toda a vida. Chorou debaixo d'água pela mãe que acreditava também ser vítima do pai, pela avó à qual era indiferente, e pelo irmão que acabara de libertar da loucura e, em contrapartida, o libertava do jugo e do desprezo paterno. Vestiu a mesma roupa, cheirou mais um pouco de cocaína e saiu de casa pela porta dos fundos, tomando precaução para não deixar marcas. Caminhou abaixado pela lateral do muro para não ser visto e observou o momento exato em que o guarda noturno dobrou a curva

da rua Dallas para seguir em direção contrária. Uma hora havia se passado. Retornou, andando, ao apartamento de Íris, sua namorada, a seis quadras da sua casa. Ela dormia profundamente, sob o efeito da mistura infalível de bebida, maconha e barbitúrico. Retirou a roupa e deitou-se ao lado dela, acariciando seu corpo nu. Masturbou-se. Não conseguiu dormir. Permaneceu recostado na cama rememorando cada passo, cada detalhe, buscando a certeza de que não cometera erros na execução do crime. Não sentia remorso pelo pai. Compaixão pela mãe, pela avó e pelo irmão, talvez. Levantou-se ao ouvir o interfone tocando insistentemente por volta das 8h30 da manhã. Ele já sabia quem era. Nei, desesperado, gritava e pedia para ele abrir a porta. Marcílio vestiu a calça rapidamente, desceu as escadas correndo e levou o irmão para o apartamento de Íris.

— Aconteceu uma chacina lá em casa. João matou todo mundo e se suicidou. A polícia está lá, tem imprensa e um bocado de gente na porta.

Marcílio simulou surpresa, fingiu-se atônito e ficou em silêncio por alguns instantes, como se estivesse absorvendo aquela notícia sem nexos.

— Você enlouqueceu, cara?... João é inofensivo, a gente sabe disso. Ele seria incapaz de matar uma mosca. Diga que tudo isso é brincadeira, uma sacanagem sua... Não pode, cara... Pare com isso, diga que não é verdade...

Marcílio fingiu embargo na voz e abraçou o irmão. Íris continuou dormindo.